

## DOSSIÊ



CINUSP e GRUPO DE CINEMA  
orgulhosamente apresentam  
**SUPERPRODUÇÕES EM DEBATE**

Em 1977 Steven Spielberg criou *Tubarão*, um monstro que engoliu inteiro o ainda resistente cinema moderno e reestabeleceu o reinado dos estúdios americanos sobre o planeta Terra. A nova Hollywood fez uma opção preferencial pelos corações e mentes infanto-juvenis, mas isso não quer dizer que os mais velhos estejam barrados. Qualquer adulto pode curtir as delícias da regressão mental cinematográfica, desde que pague entrada inteira. E pode ainda brincar de desmontar o brinquedo. Ou seja, as superproduções do main-stream oferecem ao espectador duas formas de prazer: assisti-lo e criticá-lo.

Assistir é a forma passiva; o espectador deixa-se levar pela montanha-russa de emoções calculadas para seu divertimento. No entanto, por trás do entretenimento, todo filme oculta seu discurso. Além de montanhas-russas, as superproduções são parábolas didáticas e morais. Desvendá-las é um prazer ativo. Nas férias, nós da Sinopse nos dedicamos a ele em debates sobre os filmes exibidos no CINUSP. Os textos são as memórias daquelas memoráveis noites de prazer.

Leandro Saraiva e Newton Cannito



O ilustrador do dossiê nesta edição é Federico de Aquino, profissional a vários anos e estudante de gravura na ECA/USP.

## O resgate do belicismo Norte-Americano

Começa *O Resgate do Soldado Ryan*. A bandeira norte-americana trêmula contra o Sol observada pela câmera em um leve contra-plongée. Em seguida vemos um homem velho caminhando à frente de sua família entre as árvores. A família está distante do homem, e o acompanha de maneira solene. Um pouco mais e estamos em meio a um gramado cheio de cruzes bem ordenadas, dispostas com precisão geométrica. O velho aproxima-se de uma delas, se abaixa e a câmera invade seu rosto até lançar-nos a um outro rosto, em 1944, no desembarque aliado na Normandia, evento consagrado pela história norte-americana como o dia D, início da derrota do nazismo na segunda guerra.

Na praia, uma câmera nervosa acompanha o desembarque das tropas dos EUA, sob fogo cerrado de inimigos invisíveis. A câmera se desloca como um combatente, recebendo o impacto dos tiros, das mutilações, do sangue que jorra. Em paralelo com as cruzes do cemitério vemos obstáculos plantados na praia com o objetivo de impedir o acesso de carros anfíbio. Mas no filme elas remetem diretamente ao cemitério, fazem a ligação imediata entre os dois tempos, inclusive a ligação entre Ryan – o velho no cemitério, e John – o capitão responsável pelo seu resgate.

Deste momento em diante o filme não é a mais sobre a guerra, mas sobre o movimento do pelotão de John para o resgate do soldado Ryan, tornado símbolo por ser o único sobrevivente de quatro irmãos alistados na segunda guerra mundial.



A missão é ordenada diretamente pelo alto comando dos EUA com referência num episódio ocorrido na guerra civil norte-americana, sobre o qual Lincoln escreve à mãe de três filhos lamentando a perda de todos eles em combate. O pelotão, em desacordo, raciocina com a lógica da guerra, e perder vários homens para o resgate de um, não faz sentido. Mais, a insensatez da guerra é várias vezes dita pelo filme, em parte como conflito que move o filme, em outra medida como concessão ao lugar comum da nossa época sobre a guerra.

### O discurso oculto do filme

No entanto *O Resgate do Soldado Ryan* não é o que parece. Ele próprio assume uma missão: reafirmar para os cidadãos norte-americanos a importância de combater pela pátria, e de exercer o papel de polícia do mundo. Seu discurso oculto, e o filme foi um sucesso retumbante apenas nos EUA, contesta o raciocínio da inutilidade das ações bélicas em outros territórios, que prevaleceu após a guerra do Vietnã, e sobretudo reafirma o papel que o governo norte-americano reivindica para si nos dias de hoje de intervir onde queira e como queira. É exemplar o texto da carta de Marshal endereçada a mãe de Ryan sobre a morte dos seus filhos: “tão supremo sacrifício no dever da liberdade”.

Para dar consistência ao discurso do filme, Spielberg recorre a um conjunto de artifícios. O primeiro é o próprio argumento do filme: o resgate de um soldado que teve três dos seus irmãos mortos. Com isso diz ao povo norte-americano que a Pátria valoriza seus filhos, não os abandonando a própria sorte. A pátria preocupa-se ainda com outra entidade igualmente determinante para sua existência: a mãe. E a mãe torna-se então referência obsessiva para o conjunto dos soldados ao longo do filme. As palavras do pelotão contra a missão de resgate, vão sendo pouco a pouco superadas pelo contato com outros soldados e oficiais que aprovam o resgate de Ryan (o senso do cidadão médio) e são definitivamente esquecidas quando Ryan se nega a ser resgatado afirmando que os irmãos que lhe restam são os soldados da sua companhia e que sua mãe terá orgulho de saber que ele não abandonou seu posto.

O segundo é fazer do pelotão de John um microcosmo da nação norte-americana. Nele temos um irlandês, um italiano, um judeu, um puritano, o cidadão do oeste e o cidadão do leste, o da metrópole e o da pequena cidade. A falta que senti-

mos de um negro ocorre por preciosismo de Spielberg, que no objetivo da representação naturalista, correspondeu a realidade histórica da segregação que os negros sofreram no exército norte-americano durante a segunda guerra (isso o filme não diz). Todas as culturas dos EUA dão sua parcela de contribuição no combate de interesse geral, e suas qualidades são complementares.

Um terceiro elemento é a reunião dos valores positivos num homem absolutamente comum, John, o capitão. Ele reúne valores como a coragem, a disciplina, a serenidade, a fraternidade, a destreza militar e a capacidade de comando. No entanto, é um professor numa escola de uma cidade média no oeste americano. Seu espelho, Ryan, é igualmente um homem comum, e são os homens comuns que a pátria espera abracem suas causas.

O quarto elemento em que se apóia o filme é a relação especular entre John e Ryan. Pontuando as passagens temporais, desde o início somos levados a achar que o velho Ryan é John, com as constantes passagens do plano do seu rosto para o plano do rosto de John durante a guerra. Tal relação acentua-se quando John revela sua condição de professor para Ryan e este se diz arrependido da postura que mantinha em relação aos seus professores. E explícita-se na recomendação de John para que Ryan faça por merecer, várias vezes comentadas com seus soldados, verbalizada no momento da morte e lembrada por Ryan na última cena do filme.

Por fim Ryan pronuncia sobre o túmulo de John a frase chave de todo o filme: “A família fez questão de vir comigo. Lembro sempre do que disse. Tentei levar a vida o melhor que pude. Espero ser digno do que vocês fizeram por mim.” É o mesmo que os EUA esperam dos seus cidadãos. É o mesmo que Spielberg parece esperar do povo americano: que preserve na família os valores americanos; que não se esqueça das lições dos patricarcas; que lembrem-se sempre de como a nação foi construída; que não renunciem a convocação da pátria para tornarem-se em nome de Deus “instrumentos perfeitos para a guerra”. A bandeira norte-americana volta a tremular contra o Sol. Por sorte, o antídoto – *Além da Linha Vermelha* foi feito quase a mesma época e concorre também ao Oscar de melhor filme.